



A Santa Sé

SANTA MISSA CONCELEBRATA
"PRO PACE ET IUSTITIA SERVANDA"

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Basílica de São Pedro
Sábado 22 de Maio de 1982

Venerados Irmãos, dilectos Filhos

1. A concelebração eucarística, que nos vê hoje reunidos à volta do altar de Cristo, tem por finalidade principal a invocação da paz entre os dois Países que actualmente a bem conhecida controvérsia no Atlântico austral divide e opõe, com dolorosas consequências no presente e mais graves perspectivas ainda para o futuro, se não fosse possível encontrar depressa uma solução pacífica.

Ensinados pela palavra inspirada do Salmista, segundo o qual "se o Senhor não constrói a casa, em vão se afadigam os que a constróem (Sl 126/127, 1), nós, ao mesmo tempo que fazemos votos por que sejam renovados os esforços para encontrar, mediante contactos, uma honrosa composição da contenda, recolhemo-nos em oração sob os olhos de Deus, para d'Ele implorar o dom do bem preciosíssimo da paz, pressuposto insubstituível de todo o autêntico progresso humano.

2. Não ignoramos os obstáculos que, neste momento, se opõem à consecução de uma meta tão essencial ao bem e aos verdadeiros interesses dos dois povos; todavia, com firme confiança, reafirmamos a nossa convicção: a paz é um dever, a paz é possível.

É um dever a paz, porque todo o habitante da terra — qualquer que seja o País onde encontrou o nascimento, ou a língua na qual aprendeu a exprimir pensamentos e sentimentos, ou o "credo" político e religioso em que inspira a própria vida — sempre pertence àquela única família do

"género humano" que já o antigo sábio pagão considerava como uma "infinita societas" — uma sociedade sem confins — "quam conciliavit ipsa natura" (cf. Cícero, *De amic.*, 5).

Como poderá não estar disto convencido o crente, que reconhece em todo o seu semelhante a imagem d'Aquele "que fez, a partir de um só homem, todo o género humano, para habitar em toda a face da terra" (*Act 17, 26*)? E se a rebelião dos princípios introduziu entre os homens as lastimosas divisões e as lutas cruentas, de que está entretecida a história, o crente sabe também que o próprio Filho de Deus se moveu dos abismos da sua eternidade para "restaurar a unidade da família humana desagregada pelo pecado" e para formar um povo novo "unido no vínculo de amor da Trindade" (cf. *Pref. VIII dos Domingos Ordinários*).

Por isso, quando já se dispunha a dar início à Sua Paixão, o Senhor Jesus pôde elevar ao Pai a comovedora oração: "para que todos sejam um só, como Eu e Tu somos uma só coisa" (cf. *Jo 17, 21*), sugerindo deste modo certa semelhança entre a união das Pessoas divinas e a união dos seres humanos na verdade e na caridade. Por isso, em tal circunstância, pôde Ele também prometer: "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá" (*Jo 14, 27*). A paz é um dom de Cristo que, para nós cristãos, se torna uma obrigação.

3. *É um dever, portanto, a paz — e é também possível.* Não leva porventura a considerá-la assim aquele dote peculiar do homem, graças ao qual este é posto acima de todas as criaturas irracionais, merecendo o qualificativo de "rei da criação"? Esse dote é a racionalidade, quer dizer a capacidade de discernir o bem do mal; de reconhecer os próprios direitos, mas ao mesmo tempo, também os dos outros, e portanto os próprios deveres a respeito destes; de orientar a própria vida para os objectivos justos, corrigindo, dando-se a oportunidade, os erros em que tivesse acontecido cair.

O recurso à razão faz do homem um ser civil, que não está reduzido a poder solucionar as divergências com os próprios semelhantes só com o uso da força, mas que é capaz de procurar resolvê-las e de lhes encontrar a solução mediante o diálogo, a troca e a negociação.

Nesta linha de pensamento colocava-se o grande Agostinho quando, escrevendo a um magistrado romano, observava ser título de glória mais alto "*ipsa bella verbo occidere, quam homines ferro*" (*Ep. 229, ad Darium*): "matar a guerra com a palavra da negociação, em vez de matar os homens com a espada"; eis o esforço que o homem deve tornar próprio, com indómita coragem, com tenaz esperança e com generosa vontade.

Certamente, trata-se de possibilidade nem sempre fácil: mesmo em não poucos casos, como exactamente o presente, as dificuldades podem ser de tal género que pareçam, na prática, invencíveis. Mas invencíveis nunca são, se as Partes sabem dar, ambas, prova de mútua compreensão dos próprios e alheios direitos e interesses vitais, incluída a honra nacional legitimamente entendida; isto é, se sabem dar prova de uma visão mais ampla, que abrace

mesmo o bem dos outros povos e da humanidade inteira; de perspicácia em considerar as consequências do seu proceder; de magnânima boa vontade, que nada tira ao necessário sentido de responsabilidade para com o próprio País e os próprios Concidadãos. Encargos exigentes, mas necessários: porque verdadeiramente "humanos" e essenciais para o bem da humanidade.

Como, com efeito, não recuar aterrado diante das perspectivas de destruição e de morte, que reserva hoje qualquer guerra, mesmo se travada com as armas chamadas convencionais, a que todavia a tecnologia moderna conferiu mortíferas possibilidades de devastação e de extermínio? Cada pessoa responsável deve reflectir seriamente sobre essas perspectivas, diante das quais já o meu predecessor de venerável memória Pio XII pronunciava o esclarecido aviso: "Com a paz nada é perdido, tudo o pode ser com a guerra"

4. A tais pensamentos deve voltar sobretudo o cristão, que abriu o próprio coração à mensagem d'Aquele que o profeta Isaías saudava como o "príncipe da paz" (9, 5). Não esperava acaso isto o Apóstolo Paulo da comunidade cristã primitiva? Acabamos de ouvir a exortação que dirigia aos cristãos do seu tempo e, neles, aos de todas as épocas: "Apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com muita oração e preces e com acção de graças. A paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Jesus Cristo" (*Fil 4, 6-7*).

Temos, aliás, bem presentes no espírito as reflexões do mesmo Apóstolo sobre a obra pacificadora de Cristo, que veio ao mundo "para fazer dos dois povos um só, destruindo o muro que os separava, isto é, a inimizade", e de tal modo tornando-se "a nossa paz", de maneira que agora "por meio d 'Ele temos ambos acesso junto ao Pai num mesmo Espírito" (cf. *Ef 2, 14.18*).

Eis, Irmãos e Filhos caríssimos: nunca como durante a celebração da Eucaristia experimentamos nós a verdade destas palavras. No mistério de Cristo, que nos renova a Sua Páscoa de morte e de ressurreição, nós "temos uns e outros acesso junto do Pai num mesmo Espírito". Temos pátrias humanas diversas, tradições culturais diversas, mentalidades e interesses diversos: mas sentimo-nos membros de uma única família sobrenatural, a família dos filhos de Deus, que o Sangue de Cristo remiu e irmanou. E sentimos que podemos conviver serenamente entre nós, sem dever por isto renunciar às particularidades ligadas com a nossa pessoal e nacional história, mas conseguindo essas particularidades aproximar-se umas das outras, na tentativa de construir uma superior síntese, que signifique maior riqueza de humanidade para todos.

Desta experiência tipicamente cristã peço-vos, venerados Irmãos e Filhos caríssimos, que vos façais testemunhas e porta-voz. Proclamai diante de todos, com a palavra e com o exemplo, que é possível, respeitando embora as justas exigências do patriotismo, salvaguardar aquela superior unidade de pensamentos, de intentos e de realizações, que tem as suas raízes na comum natureza humana e o seu coroamento na vocação para a mesma filiação divina.

Queira Deus que esta mensagem, de humana e cristã sabedoria, atinja as mentes e os corações de todos, na Argentina como na Grã-Bretanha. A recíproca boa vontade dos responsáveis, empenhada na busca do verdadeiro bem dos dois Povos, possa conduzir ao superamento das actuais tensões e a verificar-se o auspicio inspirado: "beijaram-se a justiça e a paz" (*S/ 84/85*, 11).

Por esta intenção pedimos com todo o ardor da alma, confiando a nossa súplica à intercessão d'Aquela para quem os homens, de todas as raças e todas as línguas, não têm senão um nome: o de filhos.

Rainha da paz, rogai por nós.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana